

Ecologia das imagens e o imaginário da lama: sentidos simbólicos dos desastres de Mariana e Brumadinho¹

Zulenilton Sobreira Leal ²

Marcos Antonio de Souza³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este artigo reflete sobre o conceito de Ecologia das Imagens, que articula a Antropologia do Imaginário e a Ecologia Humana, compreendendo as imagens como parte de um ecossistema simbólico em que interagem cultura, tecnologia e meio ambiente. Com abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na hermenêutica simbólica e na Arquetipologia, o estudo tem como objetivo analisar como imagens arquetípicas organizam simbolicamente a experiência humana diante de desastres ambientais. O corpus é composto por uma reportagem televisiva, exibida pelo sistema Brasileiro de televisão, (SBT) sobre os rompimentos das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019). A análise busca compreender como esses registros ativam memórias coletivas, atualizam mitos fundadores, reforçam narrativas arquetípicas como a do herói, da vítima e do caos e moldam percepções sociais sobre meio ambiente, risco e responsabilidade. O trabalho abre espaço para novos estudos no jornalismo e na comunicação, conectando mídia e imaginário em questões ambientais.

Palavras-chave: Ecologia das Imagens; Imaginário; Meio ambiente; Jornalismo.

Introdução

As imagens ⁴veiculadas por telejornais ou plataformas digitais não são registros neutros, mas integram um ecossistema simbólico em que memória, afetos e cultura se entrelaçam. Como aponta Rancière (2012), sua força simbólica não está apenas na evidência visual, mas na articulação com outros sentidos e na forma como são interpretadas por sujeitos moldados por histórias e mitos. Para compreender essa dimensão ampliada das imagens, propomos o conceito

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Docente do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Ecologia Humana e Gestão socioambiental. Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas – UFPB- E-mail zlea@uneb.br

³ Discente do sexto período do curso de Jornalismo em Multimeios – UNEB – marcomunica@outlook.com

⁴ Neste estudo, entende-se por *imagens* tanto as representações visuais (como fotografias, vídeos e cenas jornalísticas) quanto as imagens simbólicas e arquetípicas que emergem do imaginário coletivo. Ambas são consideradas expressões de um ecossistema simbólico que articula o sensível, o cultural e o afetivo. Na perspectiva da *Ecologia das Imagens*, essas representações — sejam técnicas ou subjetivas — são frutos do imaginário humano, que organiza nossas percepções do mundo por meio de mitos, símbolos e narrativas compartilhadas.

de Ecologia das Imagens (Leal, 2024, p.), que surge da articulação entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário. Antes, porém, é preciso esclarecer esses campos.

A Ecologia, em seu sentido amplo, estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente, com foco nas interações e interdependências dos sistemas naturais. Odum (1988) a define como o estudo da estrutura e do funcionamento da natureza. No Brasil, Reigota (1994) amplia essa noção ao incluir dimensões sociais, culturais e políticas essenciais à sustentabilidade. Essa visão abre espaço para a Ecologia Humana, que aprofunda o olhar ao incorporar também os aspectos simbólicos das interações entre o ser humano e o meio.

Nesse contexto, a Antropologia do Imaginário, conforme sistematizada por Gilbert Durand (2010), reconhece que o ser humano estrutura sua experiência no mundo por meio de imagens arquetípicas e *schèmes*, formas simbólicas profundas que expressam gestos fundamentais da existência. Figuras como o herói, o velho sábio, a travessia e a regeneração reaparecem em diversas narrativas, desde os mitos ancestrais até as produções audiovisuais contemporâneas, demonstrando a persistência do imaginário na construção da realidade.

Ao articular os aportes simbólicos da Antropologia do Imaginário à Ecologia Humana, que investiga as relações entre natureza e cultura, propomos a noção de Ecologia das Imagens (Leal, 2024), entendida como um ecossistema simbólico em que as imagens produzem sentidos, afetam percepções e moldam o mundo vivido. A proposta dialoga com a Ecologia das Mídias (Strate; Braga; Levinson, 2019), ao considerar que os meios não apenas transmitem conteúdos, mas configuram ambientes sensíveis que influenciam como vemos, sentimos e imaginamos o mundo.

Assim como a Ecologia das Mídias entende que o meio transforma a percepção, a Ecologia das Imagens reconhece que as imagens midiáticas não são neutras. Atravessadas por mitos, arquétipos e estruturas do imaginário, elas participam da construção simbólica da realidade. Como afirma Maffesoli (2001, p. 173), “o imaginário é aquilo que tudo contamina”. Cada imagem carrega memórias coletivas e afetivas que moldam percepções, afetos e valores. Mais do que representar o real, as imagens o constroem, oferecendo ao *Homo Sapiens* formas simbólicas para lidar com a vida, a natureza e os desafios contemporâneos.

Partindo dessa premissa, nossa pesquisa é de natureza qualitativa, interpretativa centrada na análise de representações midiáticas sobre os rompimentos das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019) afim de compreender o modo como elas mobilizam o imaginário coletivo na construção de percepções sobre o meio ambiente, o desastre e a responsabilidade socioambiental. Para alcançar esse objetivo, foi analisada uma reportagem de

cerca de 40 minutos do programa Conexão Repórter (SBT), disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=kFT72KnVa9s>

A escolha da reportagem se deve ao fato de que, diferentemente das coberturas convencionais, essa aprofunda aspectos humanos, simbólicos e ecológicos dos desastres, utilizando metáforas e narrativas que dialogam com o imaginário. Por isso, é especialmente adequada a uma análise baseada na Ecologia das Imagens, que integra o técnico, o mítico e o simbólico nas mediações entre sociedade, meio ambiente e memória.

A pesquisa adota a hermenêutica simbólica (Durand, 2012) como método interpretativo voltado à decodificação dos sentidos profundos presentes em imagens, narrativas e símbolos culturais. Nessa abordagem, utiliza-se também a Arquetipologia, proposta por Durand (2010), que busca identificar arquétipos, imagens primordiais que estruturam simbolicamente as narrativas humanas. Embora originado em Jung (2018), é com Durand que o conceito assume um viés antropológico e imagético, revelando como essas estruturas atravessam culturas, tempos e linguagens, inclusive nas mídias.

Iniciamos esta reflexão compreendendo o papel do imaginário na formação de percepções, afetos e sentidos atribuídos à natureza, especialmente nos estudos socioambientais. Na sequência, apresentamos o conceito de Ecologia das Imagens, elaborado a partir da convergência entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário, propondo uma leitura simbólica das imagens, sejam elas técnicas⁵ (Flusser, 1985) ou mentais, narrativas como mediadoras das relações entre o ser humano, o ambiente e a cultura.

Com base nesses referenciais, analisamos a reportagem sobre os rompimentos de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), identificando elementos simbólicos e arquetípicos no discurso midiático. Refletimos, ainda, sobre como essas narrativas visuais constroem sentidos sobre o desastre e reforçam um pensamento socioambiental sensível e ético. Nas considerações, retomamos os principais achados da pesquisa, ressaltando que as imagens jornalísticas, ao mobilizarem símbolos e mitos profundos, não apenas informam, mas moldam compreensões coletivas sobre o meio ambiente, os riscos e as responsabilidades.

⁵ Segundo Vilém Flusser, em obras como *Filosofia da Caixa Preta* e *Hacia una filosofía de la fotografía*, as imagens técnicas são aquelas produzidas por aparelhos, como câmeras fotográficas, filmadoras, computadores e televisores. Diferente das imagens tradicionais (como pinturas ou desenhos, diretamente criadas pela mão humana), as imagens técnicas são automatizadas, mediadas por dispositivos programados que seguem lógicas internas de funcionamento. Para Flusser, essas imagens não são simples reproduções do real, mas sim construções simbólicas mediadas pela tecnologia. Elas exigem uma nova forma de leitura, pois operam segundo códigos específicos dos aparelhos que as geram.

Antropologia do Imaginário: fundamentos para pensar os símbolos e a vida

Para Durand (2012), o imaginário não é fantasia, mas um elemento vivo e orgânico, enraizado nas experiências cotidianas. O imaginário se manifesta na linguagem, nas artes, nas instituições e nos modos de vida, influenciando nossa relação com o meio ambiente. Nessa perspectiva, imaginar não é escapar da realidade, mas uma forma de estruturá-la. A criação de mitos e símbolos é uma estratégia psíquica e cultural de sobrevivência, essencial para lidar com a finitude, o tempo e a morte, evitando que a vida sucumba à racionalidade ou à dureza do real.

A compreensão do imaginário como um processo biopsicossocial, resultado da interação entre fatores fisiológicos, psíquicos, socioculturais é ampliada pela perspectiva desenvolvida no âmbito da chamada Escola de Grenoble⁶. É nessa linha que se estrutura a teoria das Estruturas Antropológicas do Imaginário, apresentada originalmente em 1960, numa obra que se tornou referência na consolidação desse campo. Tal abordagem propõe uma leitura simbólica do mundo em que razão e imaginação não se opõem, mas se complementam, abrindo espaço para uma epistemologia sensível à complexidade da experiência humana e à diversidade de seus modos de produção de sentido.

Essa perspectiva dialoga com Jung (2018), que desenvolveu o conceito de arquétipo a partir do inconsciente coletivo, e com Eliade (2004), que investigou os mitos fundadores das religiões e culturas. Juntos, esses autores ajudam a compreender que o imaginário vai além da representação interna: trata-se de uma dimensão que perpassa toda a vida social, influenciando crenças, comportamentos, sistemas de valores e até mesmo decisões políticas e ecológicas.

Ao tratar o imaginário como uma espécie de "ecossistema simbólico", interligado às dimensões biológicas e culturais, a Antropologia do Imaginário (AI) contribui significativamente para o campo da Ecologia Humana. Isso porque a AI nos permite pensar que a maneira como nos relacionamos com a natureza, com o tempo e com a morte está atravessada por narrativas arquetípicas, que precisam ser reconhecidas para que possamos construir um futuro mais ético, sensível e sustentável.

Para compreender a complexidade do imaginário na perspectiva da Antropologia proposta por Durand (2010), é necessário considerar algumas categorias fundamentais que

⁶ A Escola de Grenoble é um movimento intelectual criado na França a partir da década de 1960, centrado em torno do pensamento de Gilbert Durand e outros pesquisadores que buscavam compreender o papel do imaginário na constituição do ser humano e da cultura. Essa escola propôs uma ruptura com as abordagens racionalistas e reducionistas da ciência moderna, valorizando a imaginação simbólica, os mitos e os arquétipos como dimensões fundamentais do conhecimento e da experiência humana.

sustentam sua teoria: *schèmes*, arquétipos, símbolos, mitos, estruturas⁷, regimes de imagens e o chamado trajeto antropológico. Esses conceitos não operam de maneira isolada, mas integram um sistema que articula dimensões biológicas, psíquicas, sociais e culturais.

Os *schèmes* são os gestos corporais primários da espécie humana, como os movimentos de subida, deglutição e repetição cíclica associados, respectivamente, às dominantes postural, digestiva e copulativa que deixam marcas na psique. Essas marcas, segundo a Antropologia do Imaginário, constituem as primeiras expressões do imaginário, moldadas pela sensório-motricidade e influenciadas pelo meio cultural e ambiental.

Ao longo do tempo, essas formas gestuais são simbolizadas e, ao se repetirem nas práticas humanas e nos discursos culturais, dão origem aos arquétipos, imagens universais que organizam o imaginário coletivo. Embora tenham uma estrutura estável, os arquétipos podem ser revestidos por diferentes conteúdos simbólicos, conforme o contexto histórico, ambiental e cultural em que se manifestam.

Nesse sistema simbólico, Durand (2012) identifica os regimes de imagens, divididos em diurno e noturno. O regime diurno está ligado à separação dos opostos, ao heroísmo e à razão como nas narrativas de Xangô, orixá da justiça, ou de Ajuricaba, líder indígena que simboliza a resistência. Já o regime noturno valoriza a fusão dos contrários, a ambiguidade e o mistério como nas histórias de Exu, que transita entre mundos, ou nos mitos indígenas de transformação, em que humanos e animais se fundem. Esses regimes ajudam a entender como as imagens moldam nossa percepção da realidade e se manifestam tanto nos mitos antigos quanto nas narrativas midiáticas atuais.

O trajeto antropológico diz respeito ao percurso das representações simbólicas na evolução humana. Parte de gestos corporais primários como a verticalização, a deglutição e os ritmos cíclicos que se tornam *schèmes*, formas simbólicas estruturantes que, ao se repetirem culturalmente, originam arquétipos e mitos coletivos. Esse trajeto revela como o imaginário está enraizado nas estruturas biológicas e psíquicas da humanidade, mas também como se

⁷ Gilbert Durand (2012) em sua reflexão posterior, passou a preferir o termo regimes em vez de estruturas, pois considerava que essa nomenclatura melhor refletia a dinâmica do imaginário. No entanto, o conceito fundamental permanece o mesmo "Tentei, num livro que já é velho porque tem vinte e cinco anos (foi editado há vinte, mas escrito muito antes), *Les Structures Antropologiques de l'Imaginaire*, tentei aí dar classificações certamente globais e brutais mas que funcionam bastante bem, ainda hoje. Por vezes lamento-o, mas funcionam. Tentei aí encontrar, encontrei, as modalidades, chamava-as então 'estruturas'¹ elas são mais modalidades, chamá-las agora 'regimes', mas não voltemos a questionar o título que hesitava entre a binaridade de dois regimes e a tríade de três grupos de estruturas. Agora, chamaria a tudo isso de 'regimes'..."(DURAND, Gilbert. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Presença, 1982, p. 79)

atualiza e se transforma em diálogo com o ambiente e a história. Ao dialogar com a Ecologia Humana, a Antropologia do Imaginário permite compreender o ser humano como um ser simbólico, que se relaciona com o ambiente por meio de representações culturais oriundas de gestos ancestrais. Essa abordagem oferece uma chave interpretativa para refletir sobre os sentidos profundos das relações entre humanidade, natureza e cultura, especialmente em contextos de eventos extremos.

Relembrando os Fatos

Os rompimentos das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambos envolvendo a mineradora Vale, resultaram em centenas de mortes e danos irreversíveis a ecossistemas e comunidades. Mais do que desastres ambientais, esses eventos tornaram-se marcos simbólicos no imaginário coletivo, com imagens da lama funcionando como metáforas da lógica extrativista que destrói vidas, memórias e pertencimentos. À luz da Ecologia das Imagens (Leal, 2024), compreendemos que essas imagens integram um ecossistema simbólico que influencia nossa percepção sobre natureza, riscos e justiça. Como afirma Boff (2021), não podemos buscar soluções com o mesmo pensamento técnico que gerou a crise ambiental; é necessária uma nova sensibilidade que nos reconecte à Terra como organismo vivo. A análise das narrativas visuais desses desastres revela que elas não apenas informam, mas constroem sentidos, ativam arquétipos e evocam imagens profundas como a terra-mãe ferida, o rio interrompido e o trabalhador sacrificado que compõem essa ecologia simbólica.

De Mariana a Brumadinho: uma análise arquetípica do Imaginário da Lama e do Sacrifício

A reportagem exibida pelo programa *Conexão Repórter* em 2019, com duração de 41 minutos e 24 segundos, pode ser compreendida, à luz da Antropologia do Imaginário (Durand, 2002) e da Ecologia das Imagens (Leal, 2024), como uma narrativa marcada pelo predomínio do arquétipo do sacrifício e pela ativação de um regime de imagens noturno. Nesse contexto, a Ecologia das Imagens permite reconhecer que a lama, elemento central em ambos os cenários, atua não apenas como registro de um desastre físico, mas como símbolo denso e ambíguo, que comunica a dissolução simbólica de vínculos sociais, memórias e modos de habitar o território. Trata-se de uma imagem que se insere em um ecossistema simbólico mais amplo, no qual interagem natureza, cultura, trauma coletivo e tecnologia midiática, produzindo sentidos profundos sobre a experiência humana frente à catástrofe.

A reportagem adota um tom investigativo e empático, priorizando a dimensão humana dos desastres. Os depoimentos dos familiares e sobreviventes revelam as imagens do trauma coletivo, dando forma ao sofrimento e à ausência. Na perspectiva da Antropologia do Imaginário, essas vozes ecoam a figura do inocente sacrificado, um dos arquétipos centrais do imaginário, em que trabalhadores e moradores e não os agentes do poder econômico tornam-se as vítimas simbólicas da catástrofe.

Sob a ótica da Ecologia das Imagens, essas narrativas não apenas representam o acontecimento, mas se integram a um ecossistema simbólico em que a dor humana, os elementos naturais (como a lama e o território devastado) e os recursos tecnológicos (como a câmera e a edição) interagem para produzir sentidos sobre a condição ecológica e social do mundo. Assim, a reportagem se insere em uma teia de relações em que natureza, cultura e imagem dialogam, revelando como as catástrofes são também experiências ambientais profundamente simbólicas.

Como observa Becker (2016), o telejornalismo, ao operar com imagens, sons e palavras, constrói ambientes de sentido que extrapolam a função informativa, tornando-se também uma forma de elaboração simbólica da realidade. Vizeu (2005) acrescenta que, ao selecionar vozes, rostos e enquadramentos, a reportagem televisiva não apenas mostra os fatos, mas também os dramatiza, construindo narrativas que dialogam diretamente com o imaginário social. Nesse sentido, a presença dos testemunhos não se limita ao dado factual: eles atuam como imagens simbólicas que inscrevem a tragédia em um campo mais amplo de significação cultural e emocional.

Ao traçar um paralelo entre Mariana (2015) e Brumadinho (2019), a produção jornalística reforça a negligência, mas também inscreve os dois eventos em um ciclo arquetípico, que remete ao retorno constante do trauma e da morte coletiva, elementos recorrentes no imaginário das catástrofes. A estética da reportagem, as trilhas tensas, os closes nos rostos sofridos e as imagens da lama em movimento remetem a uma experiência simbólica intensa, na qual o sofrimento é amplificado por um ambiente visual carregado de ambiguidade e ausência de redenção.

Nesse contexto, o regime de imagens noturno, aquele que segundo a Antropologia do Imaginário, opera por meio da conciliação de opostos, da ambiguidade e da fusão simbólica se manifesta de maneira evidente: ele privilegia a união dos contrários (vida/morte, natureza/técnica), enfatiza o trágico e acolhe a dor como dado incontornável da existência. É

um regime que não busca a clareza ou a separação racional dos elementos, como o regime diurno, mas sim a complexidade, a metamorfose e a aceitação da incerteza.

A ausência de responsabilização direta, a crítica velada ao Estado e à empresa mineradora, e a condução reflexiva da narrativa reforçam a ideia de que o mal está naturalizado, como se fosse uma força inevitável e não fruto de decisões humanas e estruturas de poder. Tal abordagem, ao mesmo tempo em que denuncia silenciosamente, também expressa a lógica simbólica do noturno, em que o sofrimento coletivo é vivenciado como parte de um ciclo maior, em que a tragédia não é apenas um erro, mas uma expressão de um desequilíbrio profundo entre sociedade e natureza.

A lama, como símbolo, atua neste contexto como metáfora simbólica: ela avança indiferente, apaga histórias, mistura vivos e mortos, corpo e terra. Trata-se de uma imagem densa que remete a um tempo ancestral, em que o caos e a regeneração se entrelaçam. Porém, na narrativa televisiva, predomina a lógica da devastação sem esperança. A ausência de figuras heroicas e a procura por uma possível neutralidade do jornalista evidenciam que o arquétipo do herói, central no regime diurno, está ausente ou esvaziado.

À luz da Ecologia das Imagens, essa reportagem participa de um ecossistema mais amplo, no qual a imagem não apenas registra, mas produz sentidos, mobilizando afetos, moldando o imaginário coletivo e reatualizando mitos sociais. A tragédia não é apenas mostrada: ela é sentida, compartilhada e ressignificada por meio da lente que organiza o ver e o sentir. Esse processo evidencia a necessidade de uma epistemologia sensível no jornalismo, que reconheça o imaginário como chave interpretativa. Ao serem vistas como expressões simbólicas e arquetípicas, as imagens revelam como a sociedade elabora coletivamente experiências, traumas e esperanças. A Antropologia do Imaginário amplia o olhar jornalístico, indo além do dado para os sentidos profundos das narrativas. Assim, pensar as imagens como parte de um ecossistema simbólico é compreender o jornalismo como formador de afetos, valores e visões de mundo.

Considerações Finais

A leitura arquetipológica e simbólica mostrou que os elementos narrativos mobilizam estruturas do imaginário coletivo, atravessando cultura, sensibilidade e a ecologia. Assim, entendemos que a Ecologia das Imagens, enquanto conceito e método, representa um novo caminho teórico e metodológico tanto para a Comunicação e o jornalismo quanto para os estudos da Antropologia do Imaginário. Teoricamente, propomos o entendimento das imagens

midiáticas como elementos integrantes de um ecossistema simbólico, capazes de moldar afetos, memórias e valores sociais em torno de temas socioambientais.

Metodologicamente, defendemos integrar a Arquetipologia e outras metodologias oriundas da Antropologia do Imaginário, como a hermenêutica simbólica e a análise dos regimes de imagens, criando um procedimento analítico replicável que permite identificar regimes de imagens, arquétipos e sentidos simbólicos em narrativas audiovisuais sobre o meio ambiente e riscos coletivos. Essa abordagem amplia a compreensão do jornalismo além do factual, revelando suas dimensões simbólicas e culturais, e contribui para a construção de uma comunicação ambiental mais ética, sensível e responsável.

O estudo também convida à construção de um pensamento sensível, que reconheça o papel das imagens, inclusive aquelas mediadas pelo telejornalismo, na produção de significados sobre o meio ambiente e alerte para os riscos de ignorar os limites do planeta. O progresso precisa ser revisto: não como domínio, mas como relação. Esse percurso abre espaço para novos estudos no campo do jornalismo e da comunicação, investigando como diferentes formatos, do telejornalismo ao documentário e aos produtos digitais, participam do ecossistema simbólico em que o ser humano habita, sente e narra sua existência. Além disso, pesquisas como esta podem contribuir para aprimorar as práticas jornalísticas e midiáticas, oferecendo ferramentas para que comunicadores construam narrativas mais éticas, sensíveis e conectadas às dimensões simbólicas e culturais dos contextos socioambientais. Reconhecer o imaginário como parte do processo comunicativo possibilita criar conteúdos que dialoguem mais profundamente com as emoções, memórias e valores das comunidades, promovendo não apenas informação, mas também reflexão e engajamento social.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. Mídia, telejornalismo e educação. *Matrizes*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 149–164, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/119541>>. Acesso em: 25 maio 2025.

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é, o que não é*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

CONEXÃO REPÓRTER. *Brumadinho - Parte 1 | Conexão Repórter (28/01/19)* [vídeo]. YouTube, 28 jan. 2019. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=\[código-do-vídeo\]](https://www.youtube.com/watch?v=[código-do-vídeo])>. Acesso em: 2 jun. 2025.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Suzana Albornoz. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Lisboa: Difel, 2010.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Tradução de Vera Machado. Petrópolis: Vozes, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FLÜSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luiza Appy. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEAL, Zulenilton Sobreira; SANTOS, Juracy Marques dos; KARLO, Geam. Análise arquetípica das imagens técnicas na transposição do Velho Chico. *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, n. 34, p. 107–126, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.36551/2081-1160.2024.34.107-126>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MAFFESOLI, Michel. (2001). O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, n.15, p. 74-81, 2001.

ODUM, E. P. The strategy of ecosystem development: an understanding of ecological succession provides a basis for resolving man's conflict with nature. *Science*, Washington, v. 164, n. 3877, p. 262–270, 1969.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Tradução de Ivone C. Bendetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

REIGOTA, Marcos. Por uma filosofia da educação ambiental. In: _____. *A questão ambiental*. São Paulo: Terragraph, 1994. p. 311–329.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSON, Paul. *Introdução à ecologia das mídias*. Rio de Janeiro: Edições Loyola/PUC-Rio, 2019.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo conhecimento: o conhecimento do cotidiano. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 2, n. 2, p. 83-93, 2005.